



Director, proprietario e administrador—José da Silva Vieira  
 Composto e impresso na **Typographia Espozendense**—ESPOZENDE  
 Editor—Manoel Gomes da Costa Freitas

N.º 438

ANNO 9

Assignatura  
 Anno, sem estampilha 1\$200 rs. § Com estampilha 1\$360 rs.  
 Numero avulso 40 rs. § Brazil, (m. forte) 2\$500 rs.  
 REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA VEIGA BEIRÃO—ESPOZENDE

SEMANARIO REPUBLICANO EVOLUCIONISTA  
 DEFENSOR DOS INTERESSES DESTA CONCELHO  
 FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL  
 1886

Annuncios  
 Linha, ou espaço de linha a 40 reis § Comunicados ou reclames (secções) 6 rs  
 Os assignantes tem 25 o/º de desconto. § Imposto do sello (cada publicação) 10 rs  
 Annunciam-se todas as obras literarias ou scientificas das quaes nos envie um exemplar.

# FESTA DA ABERTURA DO NOVO HOSPITAL-ASYLO 1908-1915

EM FÃO

EVOLUCIONAR DESDE 1600 ATÉ HOJE



AU gra-  
do ao en-  
cetar o

presente trabalho tornou-  
uma leitura facil e apra-  
sivel aos que se dignarem lerem-me.  
E' que procurarei, não fatigar o lei-  
tor com massudas transcripções de a-  
ctas que a miudo consultei.

E' tambem meu dever agrade-  
cer a boa vontade, esclarecimento e at-  
tenção que me foram dispensadas por  
pessoas a quem peço licença para de-  
clinar os nomes. São elles: ex.<sup>mos</sup> snrs.  
Francisco de Campos Moraes, Jayme  
Pereira, Manoel Gomes da Costa Frei-  
tas e tambem a um anonymo que bas-  
tantes informações forneceu-me.

E' isto um trabalho muito su-  
perior ás minhas forças pelo que peço  
desculpas por alguma coisa que invo-  
luntariamente omitta.

E' pelos documentos que con-  
sultei uma terra (Fão) de grande anti-  
guidade, a bella villa que habitamos.

Os documentos mais antigos  
que existem provam que:

## JÁ EXISTIA A MISERICORDIA EM 1600

De quando não virá essa insti-  
tuição? Pergunta difficilima de respon-  
der a qualquer um dos que aqui ha-  
bitam.

Passemos á narração.

## A PRIMEIRA PROPOSTA PARA A FUN- DAÇÃO DO HOSPITAL

Foi feita em sessão da mesa em  
1801 por um dos mesarios. Infelizmen-  
te a generosa proposta cahiu por falta  
de recursos, não chegando a ser lança-  
da mesmo qualquer base que de futuro  
viesse a fazer-se. Em 1848 fez-se a

## SEGUNDA PROPOSTA

Felizmente vingou, ou porque  
fosse outra epocha, ou porque os en-



Fachada principal do Hospital-Asylo



1.º plano—Asylados. 2.º plano—Asylados e enfermeiro. 3.º plano—A' esquerda  
enfermeira e outras pessoas gradas.

carregados mais esforçados do que os  
outros que os antecederam, levaram  
avante depois de incansaveis trabalhos  
a pedra angular que havia de servir de  
base ao caridoso edificio.

Enaltecer os iniciadores da bri-  
lhante ideia é um trabalho a que me  
não furto e antes faço-o com o maior  
prazer.

Homens rudes, na maior parte  
marinheiros pertence-vos a maior parte  
das gloriosas epochas, que a nossa his-  
toria registra.

Bom é que saibam, que tam-  
bem a vós cabe a maior parte do pro-  
gresso de Fão, principalmente na ele-  
vação da caridosa instituição que fal-  
lamos.

De vós marinheiros portugue-  
zes diz Castro Alves estes mimosos  
versos no «Navio Negroiro»

Os marinheiros helenos  
Que a vaga Ionia creou  
Bellos piratas morenos  
Do mar que Ulysses criou;  
Homens que Phydias tallhara,  
Vos cantando em alto clara  
Versos que Homero gemeu.  
Nautas de todas as plagas,  
Vós sabeis acilar nas agnas  
As melodias do céo!

E quem não se sente elevado ao  
contemplar a vastidão do Oceano que  
tambem enquadra a nossa linda terra.

Mar tu que dás vida a centenaes  
de laboriosos que andam a angariar  
meios de subsistencia pelo teu enorme  
e vasto dorso, tambem contribuinte  
para elevação do monumento, dando o  
necessario a esses homens para que el-  
les por sua vez contribuisssem para a  
sua construcção. Mereces bem as ligei-  
ras referencias que te faço aqui desali-  
nhadamente.

Marinheiros, cordoeiros e alguns  
lavradores, foram os primeiros irmãos  
da fundação hospitalar, que admiramos  
bellamente installada na lindissima Ave-  
nida de S. Januario.

O seu humilde inicio, os pri-  
meiros doentes, o primeiro edificio,  
ides vós sabel-o minuciosamente gra-  
ças á ideia que nos veio de mostrar a  
grandeza d'esta terra devido tambem á  
generosa complacencia do seu dignissi-  
mo Provedor snr. Francisco de Cam-  
pos Moraes.

Logo á entrada vemos o ma-  
gnifico portico que serve de entrada ao  
hospital, á direita de quem entra ve-  
mos a sala dos curativos, onde quoti-  
dianamente vão receber allivio aos seus

m les os infelizes faltos de recursos e a maior parte desprotegidos de qualquer socorro. A esquerda fica a secretaria onde trabalha diariamente o nosso amigo snr Manoel Gomes da Costa Freitas, competente collega d'este jornal e um dos nossos mais prestimosos amigos; em frente á entrada vê-se uma escada que dá acesso ao andar superior tendo lateralmente comunicação para as enfermarias cozinha, refeitório, banheiras, dispensa e em seguimento um corredor que vae dar sahida para os fundos do edificio onde se acha o necroterio.

O andar superior é occupado pelo salão nobre, galeria de retratos capella e enfermarias, tendo tambem um mirante envidraçado que lhe dá um extraordinario realce a quem o vê de longe.

O asseio que se nota e o cuidado com os enfermos, mostram por todas as formas o cuidado dos actuaes enfermeiros.

Passemos

### A SUA FUNDAÇÃO

Compunha-se esta ridente povoação em sua maioria de pescadores, industriaes de cordoaria e construcções navaes, pequenas industrias e alguma agricultura.

A construcção de navios, fez com que se creasse n'esta terra uma brilhante pleiade de destemidos e arrojados officiaes da marinha mercante.

O material empregado pelos constructores, a linha nautica, as madeiras, o gracil do talhe, fiseram ganhar nome no estrangeiro e no paiz os nossos estaleiros, sendo considerado por isso um dos melhores; e, unico talvez que tenha navio a fazer, debaixo da direcção de um descendente, do que primeiro construiu um navio em Fão.

N'essa epocha desenvolveu-se tanto a marinha mercante, que crearam-se na nossa povoação dezenas de officiaes e mestres costeiros, e centenas de marinheiros; principiando então Fão a entrar na carreira do progresso.

Houveram tres homens que se elevaram pela sua actividade, pelo seu trabalho e pela sua caridade para com os pobres e que ainda hoje gloriosamente se destacam, apesar de apenumbados pela morte. Foram elles: João Barbosa, grande industrial de cordoaria, José Joaquim Cardoso com estabelecimento de pannos e mercearia e Francisco Dias dos Santos Borda (Senior) como constructor naval.

Deram n'esse tempo nome a esta terra esses tres homens deixando por essa maneira vinculado seus nomes á povoação que os viu nascer e lhes deu fortuna.

Combinaram esses amigos entre si levar a cabo essa grande empreza, talvez superior ás suas forças, mas, tomando por lemma a divisa do grande marquez de Pombal de «querer é poder», conseguiram levar para diante o seu grandioso e abençoado plano.

Principiaram então a construir o Hospital para tratamento dos doentes pobres d'esta freguezia. Por grande maioria foi bem acceite a piedosa iniciativa, havendo comtudo pessoas que fizeram o possível, para que não fosse avante a sublime criação, podiamos se quizessemos citar os nomes, d'esses retrogrados, mas, como ha muito dormem o eterno somno, limitamos ao —«descança em paz».

Aos tres iniciadores aggregaram-se mais João dos Santos Cardoso, natural de Fão, negociante no Porto, de grande escala e capitalista, residente tambem na dita cidade e Antonio José Villachá, proprietario e capitalista n'esta freguezia, ficando constituída então a commissão fundadora.

Em 1850 ou 1851, foram ao Porto os tres iniciadores, apresentar ao

grande capitalista João dos Santos Cardoso a lista dos irmãos fundadores. Dizendo a esse snr. que se não houvesse um benemerito, que se lembrasse de dar alguma esmola ao hospital difficilmente elle resistiria pelo tempo adiante. Respondeu-lhes Santos Cardoso que «a commissão chegava muito tarde, pois que já fizera as suas disposições testamentarias, mas que havia de fazer, o que pudesse para auxiliar tão grandiosa obra.»

E como de facto por morte desse benemerito recebeu o hospital, a oitava parte dos seus remanescentes e que importou pouco mais ou menos em quatorze contos de reis.

### A CONSTRUÇÃO DO 1.º EDIFICIO

E' ainda do meu tempo o velho hospital como aqui o chamavam; o trabalho que deu para erigir-se, ides vel-o.

Compunha-se a commissão fundadora de João Barbosa, José Joaquim Cardoso, Francisco Dias dos Santos Borda (Senior), João dos Santos Cardoso e Antonio José Villachá, estes depois de subscreverem, começaram corajosamente o inicio do hospital, pedindo a amigos o auxilio máximo que podessem dispôr em dinheiro e trabalho como carros, madeiras etc. etc.

Cumpra-me pois salientar as esmolas que para essa construcção vieram das freguezias de Fonteboa, Gemezes e Perelhal, principalmente das casas da Ermida e Retiro d'esta ultima freguezia.

Concluido o edificio resolveu a commissão que cada um dos seus membros, concorresse com uma cama completa para enfermos, o que cumpriram com a melhor boa vontade dando então entrada.

### OS PRIMEIROS DOENTES

Foram elles Francisco Sabido e Anna Fernandes de Azevedo.

Para descripção do que foi essa entrada, passo a palavra ao meu amigo \* \* \*, sempre tem mais vida do que o accordão onde o li.

«O primeiro pobre, sem familia, muito velho e a viver na maior miseria foi o tio Sabido, homem de côr, bom christão e que morava em uma imunda casa, na *cangosta dos godes*; parecia incrível que elle podesse viver em semelhante pocilga, mais propria para suínos do que para uma creatura humana. Foi então que a mesa de que era presidente Francisco Dias dos Santos Borda (Senior) o foi buscar em uma *padiola* com uma banda de musica e levando incorporadas as irmandades d'esta freguezia, transportando-o para o hospital, depois de ser lavado e asseiado.

Sendo esse dia o do Corpo de Deus resolveu a mesa em sessão, que fosse esse dia festejado todos os annos como o da abertura do Hospital.

Durou mezes ainda o tio Sabido e fallecendo foi enterrado na parte occidental do antigo hospital, onde hoje está situada a pharmacia Central de propriedade do bom amigo sr. Paulo Dias dos Santos.»

### COMO SE CASTIGAVAM DESOBEDIENTES

Para que se veja como se procedia com aquelles que tinham sido eileitos mas que recusavam tomar posse transcrevo na integra como curiosidade um Accordão.

«Accordão em Mesa em que elle Provedor e mais irmãos deliberaram o seguinte:

Aos dez dias do mez de Agosto de mil oitocentos e cincoenta e dois; na saia do Cabido d'esta Santa Casa de Misericordia d'esta freguezia de S. Páyo de Fão e onde estavam presentes o

Provedor e mais mesa abaixo assignada e reunindo-se para dar e tomar as competentes contas do seu anno e não tendo ainda acceite José Mendes Tinoco thesoureiro que sahio nomeado de 1852 a 1853, foi chamado e sendo-lhe perguntado a razão porque não queria acceitar, não deu escusa alguma que legitima fosse a não ser por timbre, declarando ao mesmo tempo que não acceitava porque não queria, embora fosse riscado do que teria muito gosto em virtude do que o dito Provedor e Mesa lançando mão da faculdade que lhe dá o compromisso d'esta St.ª Casa no cap. 3 § 1 rasão 4.ª deliberou que não só fosse riscado de irmão d'esta Santa Casa, mas tambem que nunca em tempo algum podesse ser reentregado irmão da mesma Santa Casa. E para que a todo o tempo conste a desobediencia d'este irmão e em eguaes circunstancias possa ser applicada a mesma razão 4.ª do citado cap. a outro qualquer irmão que tenha a mesma culpa por isso se inserio este presente Accordão. E eu etc.»

Foi-lhe levantada a pena: le-se no Accordão seguinte por (sic) o reo *pedia perdão humildemente.*

### ESPERTOS

Não é só nos tempos hodiernos que encontram desmemoriados administradores, no tempo antigo já os havia como prova o officio que tambem transcrevo encobrimdo nomes.

Ill.º Snr.

Participo a V. S.ª que tendo havido mesa em 3 do corrente e tendo sido chamado a ella por carta officio . . . . que haviam servido em seu anno afim de verificar o engano de contas do tempo em que serviu como consta dos livros não obstante V. S.ª não apparecer contudo reunindo-se o . . . . e sendo-lhe patente os livros e a sua correspondencia deliberaram que não é sufficiente as suas razões para a segurança da Santa Casa, assentaram que se officiasse a V. S.ª para que no praso de quatro dias entra-se com o dinheiro sonante que devia ou dentro desse mesmo praso reduzisse a uma escriptura publica com a competente hypotheca e fiança e que de contrario passaria por algum dissabor o que tudo communico a V. S.ª para sua intelligencia.»

Eram energeticos os velhinhos nossos avós quando encontravam maus administradores.

Tambem a titulo de curiosidade, mas mais para mostrar o horror que tinham nossos avós, pelo monopolio, embora o mesmo fosse composto de missas é que vou inserir parte de um accordão em que o celebrante da missa das nove pedia o

### AUGMENTO DE UM PATACO

Aos deoito dias do mez de julho de 1852, na sala do Cabido d'esta Santa Casa de Misericordia d'esta freguezia, onde estavam presentes o Provedor Francisco Dias dos Santos Borda, Secretario Antonio Pinto de Campos Junior, Thesoureiro Manoel Pinto Vianna e os mais irmãos de mesa abaixo assignados. Por elle provedor forão apresentados dous requerimentos um do cirurgião d'este, digo, cirurgião do partido d'esta Santa Casa conjuntamente com outro cirurgião Manuel José Fernandes Lareira o que lhe foi deferido por accordão de hoje. E o outro requerimento do rev.º P.º Pedro José Gomes encarregado de dizer as missas das nove todos os domingos e dias santificados n'esta Igreja da Santa Casa pedindo-lhe augmentasse á aludida missa a quahtia de quarenta reis, sendo-lhe então pagas pelo preço de duzentos e quarenta reis

como eram antigamente pagas estas missas, em vista do que elle Provedor mandou proceder a escrutinio e foi provido por maioria de votos e na parte que tambem pedia ser preferido nas missas que se cantassem n'esta Santa Casa na falta do rev.º p.º Capellão, foi-lhe indeferido tudo por accordão de hoje e para que a todo tempo conste se mandou fazer o presente accordão, etc.

### FECHEAMENTO DO HOSPITAL EM 1853

Infelizmente a carencia de meios obrigou o hospital a encerrar as suas portas, para réabril-as em 1855, epocha em que reinou na nossa povoação o terrivel flagello da colera. Epidemia terrivel que em pouco tempo quasi que por completo devastou a povoação.

A immundicie das vallas pouco limpas dentro das casas, foi o rastilho que incendiou a epidemia, que tantas vidas ceifou.

Bom é que se empregue os maiores cuidados na limpeza d'esses focos de infecção, pois se desgraçadamente visitar-nos uma infeciosa molestia estaremos desprevenidos quasi por completo para combatel-a eficazmente.

A Camara em um dos parographos do seu Codigo de Posturas trata d'isso, como ha muito tempo o codigo é um mitho não vale a pena falar d'isso. N'uma eventualidade qualquer a que todos estamos sujeitos venha-nos do ceo o remedio!!!

Como esta tirada já vae bastante longa passemos n'um vôo rapido por cima de algumas dezenas de annos e demos a

### ENTREGA DO HOSPITAL AZYLO EM 30 DE SETEMBRO DE 1908

N'esse dia um dos mais gloriosos para os annaes fãozenses, foi entregue solemnemente as Juas horas da tarde pela commissão encarregada da construcção o novo hospital asylo; compunha-se esta commissão dos seguintes cavalheiros: snrs. dr. Augusto Moreira Pinto, Prior Gonçalo Lourenço Cardoso Vianna, Francisco Fernandes Gaifem, Manoel José de Magalhães e João Victor Carneiro.

Ao tempo que, a directoria abaixo mencionada tomou posse, tinham deixado de fazer parte do rol dos vivos o reverendo padre e grande bemfeitor da Misericordia e Hospital e Asylo Gonçalo Vianna e o não menos digno snr. Francisco Fernandes Gaifem.

A entrega foi feito por escriptura publica, redigida no cartorio do tabelião snr. José Antonio Pereira Vilela.

N'essa occasião usou da palavra o reitor de Espozende rev. padre Americo da Costa Nilo que em palavras de eloquencia extraordinaria provou que o symbolo das virtudes theologaes de Fé em Deus, Esperança em Deus e a Caridade por Deus era o suprasumo da beneficencia caritativa que podiam reunir os cavalheiros que ali se achavam reunidos.

Calorosamente uma salva de palmas cobriu as ultimas palavras do orador.

Recebeu das mãos da commissão a entrega do edificio, a directoria de então, que n'ese tempo era composto dos seguintes cavalheiros: Manoel José de Magalhães, João Victor Carneiro, José Fernandes Gaifem, Francisco Teixeira Gomes, Antonio Dias dos Santos, Luiz Francisco da Silva, Antonio José da Costa e José Domingues da Venda.

Os asylados que da velha casa para a nova mansão, foram condu-

zidos processionalmente, precedidos por uma banda de musica eram: Maria Gomes Ribeiro, Luiz André Remedio, Maria Pereira e Philomena da Conceição.

Na occasião da entrega, foi servido uma taça de champagne entre os membros da directoria, e por signal que já passado tanto tempo, ainda existe na secretaria uma garrafa d'essa epocha.

A tempera do dignissimo Provedor por este facto, fica bem patente.

«O que é dos pobres, aos pobres pertence».

#### GALERIA DE RETRATOS

Possue uma já bastante grande o nosso hospital-asylo, e vamos citar os nomes, dos retratados, lamentando que a falta de espaço nos iniba de descrever pormenoradamente os donativos que esses bemfeitores fizeram comtudo para que Fão os conheça melhor, fallaremos de alguns fallecidos recentemente e de dois ainda vivos, felizmente para nós todos.

São elles: João Barbosa, José Joaquim Cardoso, Francisco Dias dos Santos Borda, João dos Santos Cardoso e Antonio Villachã (Senior), os fundadores e principaes iniciadores, da grandiosa obra que hoje vemos na Avenida S. Januario.

Os outros retratados são: P.<sup>e</sup> Francisco Gonçalves Fidalgo, Barão de Castello de Paiva, José Soares Estanislau, Manoel Gomes Vinha, P.<sup>e</sup> João José de Azevedo, D. Anna da Cruz Ferreira dos Santos,, José Pinto de Campos, Francisco José Dias dos Santos, Manoel Gomes Troia, Manoel Dias do Vale, Avelino Moraes de Campos, Antonio Ribeiro de Carvalho, Manoel André Moraes, D. Maria das Dores Dourado Leite Pereira, D. Maria Thereza de S. José, Francisco Pires do Monte, † D. Antonio de Nossa Senhora, abbade de Creixomil, prior em S. Vicente de Fóra, P.<sup>e</sup> Francisco Gomes Pereira Soares, Antonio Correia Leite, Prior Gonçalo Cardoso Vianna, Dr. Augusto Moreira Pinto, D. Amelia Correia Leite, Conde de Agrolongo e Francisco de Campos Moraes.

Deixei propositalmente para o fim, estes seis distinctos bemfeitores, para alguma cousa dizer sobre elles, embora fiquem descontentes algumas pessoas, com este nosso modo de ver.

Principiamos pelo snr. Anto-

nio Correia Leite. Quando lhe foi pedida pela commissão um auxilio para o hospital, deu uma não pequena quantia, pronunciando estas singelas palavras: «Isto, é para principiar».

Sublime e avultada esmolada sem sonoras phrases de affectação. Simples e bom como sempre foi. Para o segundo logar creio que nenhum melhor estará do que a sua dedicada companheira ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Amelia Correia Leite. Dizer o que foi em vida esse bondoso anjo de caridade é para mim, um impossivel, pois não encontraria na adjectivação da lingua portugueza, um bastante em harmonia e bastante digno, que mostrasse todo o meu respeito e admiração. Limite-me por isso a lembrar aos fãozenses a enorme multidão que lhe rodeava o carro quando essa excelsa senhora, d'aqui partia.

Rev.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Gonçalo Cardoso Vianna; só quem fôr muito novo, é que se não lembrará do antigo pastor da nossa povoação.

Ainda me lembro dos *carólos* que recebi, quando ia para a doutrina. Bom tempo!

Quantas gerações não baptisaria o nosso fallecido prior?

Muitas. E muitos dos que hoje administram a nossa Santa Casa, receberam das suas caridosas mãos, o primeiro nome. Bem haja nas alturas em que naturalmente reside. Sou um crente. E digo com uma intima convicção, que só quem tenha a alma tisonada pelo fogo das desillusões é que pode pensar, que, não haja alguma cousa superior, ao viver attribulado que aqui se passa.

Dr. Augusto Moreira Pinto. Outro benemerito, outro homem de viver simples, outro homem sem as impertinentes etiquetas hodiernas.

Medico de tudo cuidava, de tudo suppria, bem compenetrado dos deveres do seu abnegado sacerdocio.

Quantas vezes do seu bolso particular não saiu a importancia para aviamento do receituário que fazia? Immensas.

Homem, sempre foi o bom e sincero amigo, que todo o Fão conheceu. Também penso, que, reconhecidos certas personalidades, lembrar-se-hão com saudosa emoção, a abençoada memoria, do bondoso clinico que a todos tratava, sem differenciar haveres, cores e qualidades.

O snr. Conde de Agrolongo é um benemerito que está inscripto em todas as instituições de caridade d'aquem

e d'alem mar. Portanto só nos cumpre chamar a attenção, para o grandioso Asylo que para a velhice, construiu á sua custa, o distincto titular em Braga.

Fão tambem sinceramente agradece por nosso intermedio ao distincto titular a honra de ser contado no numero dos que são beneficiados, pela sua generosa bolsa sempre aberta para a caridade.

Se visse ex.<sup>mo</sup> snr., a alegria que os pobres mostravam, certamente a sua bela alma, se commoveria vendo as bençãos que em torno do seu nome, os mesmos derramavam. Pela photographia inserida s. ex.<sup>a</sup> poderá ver os que soccorreu com o seu obulo.

E se nos fizesse uma visita, a bôa impressão que colheria, vendo o nosso hospital-asylo, certamente verificaria quanto foi bem empregada a mesma.

Passemos ao ultimo, mas primeiro entre todos; chamado Campos Moraes.

Atual administrador, ocupando o cargo de provedor; este bemfeitor tem feito com a sua presença, quasi quotidiana, o interessarem-se todos pelos pobres. Silenciando sempre que pode a sua prodigalidade pela casa, que tão bem administra.

E' modesta a consideração, que aqui lhe prestamos com a nossa penna, mas, temos receio de incorrer no seu desagrado, ferindo a sua reconhecida modestia, pelo que unicamente para conhecerem que o nosso trabalho é completo, é que consignamos, embora ligeiramente o muito que lhe deve a Santa Casa, principalmente a economia de 500 escudos, como consta do ultimo relatório.

Tem tambem cabimento darmos conhecimento ao publico da

#### MESA ACTUAL

Composta quasi que com os mesmos: Provedor, Francisco de Campos Moraes, Vice-Provedor, Jayme Lopes Pereira, Secretario, Manoel Gonçalves Pereira, Vice-Secretario, Francisco Augusto Pereira de Abreu, Thesoureiro, João Victor Carneiro, Vice-Thesoureiro, José Fernandes Gai-fem, Mesarios, Antonio Domingues Assumpção, Manoel de Jesus Moraes, Carlos Henrique de Oliveira, Ignacio Gonçalves Turra, Manoel Leite Mariz e Eduardo de Jesus Ferreira; tendo para substituil-os, no caso de impedimento mais seis irmãos tambem eleitos.

Os nomes aqui dados á publicidade são garantia segura do progresso da nossa Santa Casa, mas, bastava o do *leader* para fiança d'esse *desideratum*.

Tem como serventuarios estipiendiados, mas tambem irmãos os seguintes snrs. Dr. Manoel de Oliveira Pinto, medico do Hospital-Asylo, Manoel Gomes da Costa Freitas, amanuense das tres entidades, Misericordia, Asylo e Hospital, espòsos Moreira como enfermeiros do Hospital-Asylo e os snrs. Manoel Fernandes Portella, João Clara Leal, José Carlos Junior e Francisco Leite, como conductores de cadaveres. Como guarda do templo está o snr. João Joaquim Leal.

Sendo capellão o rev.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Manoel Carvalho Alaio, sem remuneração alguma, por o seu expontaneo offerecimento durante um anno.

Finalmente resta-nos consignar a nossa admiração, pelo o bom gosto artistico e pela delicada decoração que fez a

#### COMISSÃO DE SENHORAS

Compunha-se este gracioso grupo de patricias, que muito se interessam por tudo quanto fôr caridade e religião, presumindo muitissimo com os aformoseamentos dos templos que ficarem ao seu cuidado.

Como respeitosa homenagem, declinaremos os nomes pedindo, de ante-mão desculpas, por desgostal-as com a nossa mexerique.

Certos que nos será relevada a falta insignificante aqui vão: D.<sup>as</sup> Maria da Gloria Vinha, Antonia Gomes Vinha, Laura Gomes Vinha Pereira, Virginia de Jesus Teixeira, Carolina de Jesus Teixeira, Olinda Pinheiro Leal, Rosaria Gonçalves Victor Carneiro, Almerinda Gonçalves Casanova, Virginia de Campos Moledo, Conceição Moraes e Elvira Moraes e Silva.

Continuar a narração, depois d'esta homenagem seria um crime de lesa-delicadeza a que nunca me atreverei, mas, para finalizar direi que

#### O FORNECEDOR PHARMACEUTICO

E' o snr. Paulo Dias dos Santos da «Pharmacia Central» na Avenida Dr. Manoel Paes.

E lamba-se com este segundo reclame gratuito amigo Paulo.

Fangueiro n.º 2

## CAVALLOS DE FÃO E OS ECHOS DO MINHO

III

Este nosso colega fecha a sua serie de artigos com uma chave de ouro, como havia prometido.

Para o seguirmos *pari passu*, envidamos todo esforço para conseguir uma, igualmente, de ouro para fecharmos a nossa serie—a seu tempo.

Tivemos a dita de a encontrar quando iamos no segundo numero, e não no terceiro como succedeu ao nosso colega.

A nossa chave é de ouro mas-siço e do mais subido quilate, como se comprova pela nota do contraste, que temos em nosso poder. Não é de ferro com um banho d'ouro com que illudiram o colega. Se viesse consultar a contrastaria do *Farol Fãozense* como nós fomos, colheria a nota

da veracidade, e não passaria pelo vexame de *comer* o conto do Vigario.

O grande mal da imprensa hodierna é não haver sinceridade entre colegas.

Remergulhemos, pois, d'este n.º VIII ao I, donde viemos colher uns argumentos *ad hoc*, e para onde vamos bisturiar a asinina epigrafe—*Cavallos e burros—similis cum similibus, facile congregantur*.

Por mais geitos e tregeitos que se aplique a esta epigraphe, não bispamos de que lado assente bem. Se a encaramos pelo lado, não assenta bem; pois que, hoje em dia, o jornalismo percorre as delicadas mãos de honestissimas senhoras, pudibundas donzelas, inocentes creanças, que não ficariam bem impregonadas, moralmente, ao lerem esta epigrafe em um diario catholico. Se, pelo lado material, admirando a boa intenção que a provocou, bem não assenta, pois o nosso intuito era: fazer mais notoria a nossa insis-

tente propaganda. E esta epigraphe é de molde a ridicularisar o porto dos Cavallos e a desdenhar os seus humildes propugnadores. Por ultimo, a nosso ver, a epigraphe assenta melhor por este lado:

Talvez, a nossa interrogação surprehendesse o colega sem habilitações para nos responder de improviso. Nesta conjuntura tomou o expediente do ridiculo, papel de facil sugestão.

Doutra forma, seria mais patriótica, honesta, decente e de harmonia com o espirito de camaradagem, esta epigraphe—*Cavallos de Fão e o Espozendense*—ou esta—*Nós e o Espozendense*—E' este o nosso conselho se houver de voltar ao assunto, gesto que será para nós de intenso prazer.

Se o colega não vai feito com os «Cavallos de Fão» porque se não metteu em cópas e deixou correr? Duas palavras neste sentido já nos aquietava.

Porque veio a publico com essa enorme catilinaria acoiman-

do *doidos* indirectamente, aqueles que o defendem? Porventura, não defendem elles um empreendimento de que necessariamente, fatalmente, não-de emergir innumerous beneficios para o districto, provincia e paiz; para o commercio, industria e agricultura; para a insolúvel crise de trabalho? Como quer que haja estradas, linhas ferreas, telefones, autonomias parochiaes, coicelias, districtaes, sem um poderoso agente que reanime, entusiasmo o povo e lhe dê verba para tudo isto? Espera que tudo isto desça do ceo á maneira do povo hebreu que acatava o maná do deserto?... Puro engano! Deus não attende a ociosos. Elle manda trabalhar para comer—*laborate, laborate, comerás o pão pelo suor do teu rosto*.—

Segundo este mandato a ninguém é licito ficar-se de braços postos, aguardando os meios infalliveis.

Affrontemos o n.º III. Nêle se lê: «Quem não é doido é quem... espera que hoje os Ca-

vallos de Fão... caiam aqui por obra e graça da influencia do snr. Fulano...—Ora nós que assim esperamos somos *doidos*.

Se o collega não espera a effectividade do porto dos Cavallos, por obra e graça do snr. Fulano, por obra e graça do Espirito Santo, é que elle não desce cá em baixo. Já muito fez Elle, lançar os seus inexpugnaveis fundamentos.

Não temos ideia alguma, que os melhoramentos que se distendem por esse paiz alem, fossem obra do Espirito Santo. Os que conhecemos foi por obra e graça deste ou daquelle *cacique*, deste ou daquelle deputado, deste ou daquelle ministro. Doido é pois, quem espera que os melhoramentos materiaes se obtenham por obra e graça do Espirito Santo, pelas razões acima alludidas.

Bem sei que o collega anceia os bons tempos em que Deus mandava cá em baixo, mas perca essa fé ardente. Por ventura ignora que por cá o apertaram

berm apertado?! Aquilo é que foi dar tremenda vassourada!... Elle bem se refugiou numa escola na lidima intenção de escapar no meio das creanças. Mas, qual, nem lá escapou! Teve que fugir lá para cima, se quiz. Fique, pois, certo o collega que esses tempos não voltam mais: *nem que* quem duma escapa, cem annos vive.—Consequentemente, é com os homens que nos havemos de avir. Quando o collega houver alguma pretensão tem que pendurar-se das abas do fraque do snr. Fulano, ou do snr. Cicrano, ou do snr. Beltrano, e acceitar o que vier.

Passemos adiante ao n.º V. Quando aqui passamos, a briza fagueira trouxe-nos um cheiro a gato ou coisa parecida.

Óra eu que, por gato, sou como o diabo por almas, vou-lhe na pista para o apresentar aos caros leitores—só para vêr.—Para o mais cá está um gástronomo.

Até ao numero seguinte.

Chaves Coupon

**Todos necessitam**

De vez em quando purgar-se; de recorrer ao effeito salutar, renovador e depurativo que pôde obter do emprego de um bom purgante e afim de expulsar do sistema as materias viciadas e as accumulações morbidas que com effeito, são a causa de muita doença.

E' surpreendente a transformação que ás vezes se opéra no estado de saúde em geral depois de uma dose das «Pilulas Catarticas do Dr. Ayer» e é impossivel dizer-se quanto ataque de moléstias graves já tem sido prevenido com a precaução de se lançar mão deste purgante, mal se sentiu o mais pequeno incomodo ameaçante.

As «Pilulas Catarticas do Dr. Ayer» foram aprovadas pela «Junta de Saúde Publica.»

A' venda nas boas farmacias e drogarias.

Preparadas pelo Dr. J.C. Ayer, & C.ª Lowell, Mass. U. S. A.

Depositarios geratis:—James Cassels & C.ª Succesores.—Rua Mouzinho da Silveira 85, 1.ª Porto.

**Generos alimenticios**

Em Lisboa já se acha em vigor uma tabella regulamentando o preço dos generos, tendo sido já multados diversos comerciantes por se excederem dos preços estipulados.

Ao nosso districto ainda não chegou semelhante lei nem tal tabella.

O peixe está carissimo.

As sardinhas a dez reis cada uma.

Os ovos a 240 rs. a duzia.

E todos os mais generos apesar da fraca qualidade estão pelas hora da morte, um horror a vida para os menos abonados da sorte.

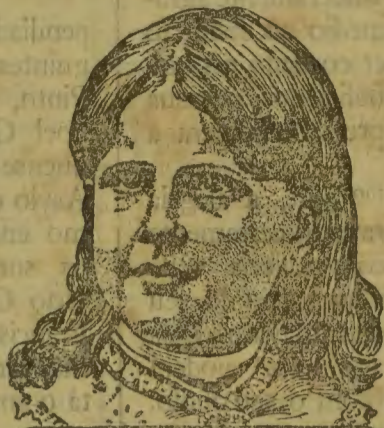
E sendo a exportação dos ovos prohibida qual será a rasão porque se não castigam os que produzem esta escassez com o acambramento?

Não ha ninguem que deixe de gritar contra esses ladrões que para se locupletarem expõe o publico á maior penuria que se pode imaginar.

Haja vigilancia, e vigilancia a valer contra esses sicarios que nos asphixiando roubando-nos o

alimento e extorquindo-nos a existencia por meio da fome.

**Durante a crecença.**



As Pilulas Pink devem ser tomadas por todas as creanças que dão signaes de fraqueza physica e de debilidade nervosa. As Pilulas Pink são o seu mais solido appoio e sustentavel, e impedem que a crecença as apouquente e faça sofrer, porque dão ao organismo d'essas tenras creanças tudo quanto a referida crecença lhes tira e faz perder.

As Pilulas Pink são tão boas, tão efficazes, para as pessoas grandes como para as creanças: curam a anemia, a chlorose, a fraqueza geral, os doencas e dôres de estomago, as enxaquecas, as nevralgias, a sciatica, a neurasthenia e as dôres do rheumatismo.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 800 réis a caixa, 49400 réis as 6 caixas. Deposito geral: J. P. Bastos e C.ª, Ph.ª Peninsular, rua Augusta, Lisboa.—Sub-Agente no Porto: Ant.º Rodrigues da Costa, L. de S. Domingos, 402.

**Pagamento da contribuição industrial em quatro prestações**

E' durante este mez que se declara, perante a secretaria de finanças, para pagar em quatro prestações a contribuição industrial.

**Corporações administrativas**

Até ao fim do corrente mez, tem de regularisar a sua situação as corporações que não tem prestado contas das gerencias dos ultimos annos.

Passado este mez, ser-lhes-hão applicadas multas de 10\$000 a 300\$000 reis.

**Folk-lore Varzino,** por *Candido A. Landolt*, a apparecer brevemente na Povoa de Varzim. Anelamos o seu apparecimento.

**Diarios de Lisboa, Porto e Braga** encontram-se todos os dias á venda na «Livraria Espozendense», á Rua Direita desta villa.

**Aos nossos assignantes do Brazil**

Estando em bastante atraso de seu pagamento alguns dos nossos assignantes do Brazil, vem esta redacção pedir aos seus illustres subscriptores a distincta fineza de mandarem satisfazer os seus debitos a esta redacção com a maior brevidade que lhes fór possivel, pois nos causa esse atraso serios embaraços e prejuizos, agradecendo desde já esse valiso obsequio.

**ANUNCIOS**

Comarca d'Espozende

**CONCURSO**

**O Doutor Adriano Augusto Veiga Rodrigues, juiz de Direito, da comarca de Espozende:**

FAZ saber que pelo Juizo de Direito desta comarca, e cartorio do 1.º officio se acha aberto concurso para o provimento do lugar de carcereiro das cadeias civeis desta comarca, por espaço de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação deste annuncio no «Diario do Governo».

Os concorrentes a esse logar devem apresentar a ele Juiz, dentro do mencionado praso, o seu requerimento escripto e assinado por eles, e a assinatura e letra reconhecida por notario e acompanhado de documentos pelos quaes mostrem:

- a) Terem mais de 21 e menos de 35 annos.
- b) Que são casados.
- c) Que sabem ler e escrever correctamente.
- d) Que tem bom comportamento moral e civil.
- e) Que estão isentos de culpa.
- f) Que prestaram serviço militar com bom comportamento, ou que dele foram legalmente isentos.
- g) Que tem a necessaria robustez e não soffrem de doença contagiosa.

h) Que nada devem á Fazenda Nacional.

Espozende, 20 de Setembro de 1915.

O escrivão ajudante do 1.º officio, João Fernandes de Faria Vasconcelos.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, Veiga Rodrigues

**OBJECTO DE OURO**

Foi achado entre esta villa e Fão um objecto de ouro que se entregará a quem der os signaes certos e pagar este annuncio.

**VENDEM-SE**

Duas moradas de casas e um quintal nesta villa.

Quem pretender fallar com a proprietaria Joaquina Rodrigues de Amorim.

**R. M. S. P. Mala Real Fugleza**



**Paquetes Correios a sahir de Leixões**

DESNA em 28 de setembro

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres  
Preçoda passagem em 3.ª cl. de Leixões para o Brazil e Rio da Prata 46.50  
" " " " de Lisboa " " " " 46.50

ARAGUAYA em 11 de outubro

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres  
Preço da passag. em 3.ª cl. de Leixões para o Brazil e Rio da Prata 51.50  
" " " " Lisboa " " " " 51.50

DEBERARA em 26 de outubro

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres  
Preço da passagem em 3.ª cl. de Leixões para o Brazil e Rio da Prata 46.50  
" " " " De Lisboa " " " " 46.50

\* \* \* \* \* em 26 de outubro

Para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres  
Preço da passagem em 3.ª cl. de Lisboa para o Brazil e Rio da Prata 51.50  
" " " " de Lisboa " " " " 51.50

Estes paquetes Sahem de LISBOA no dia seguinte

Todos os Vapores desta Companhia costumam atracar no caes no Rio de Janeiro.

A bordo ha creados portuguezes

Na agencia do Porto podem os snrs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recommendamos toda a antecipação.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

**TAIT & CO.**

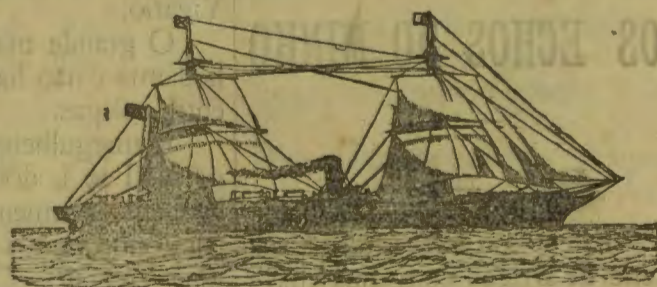
19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO  
Ou aos Agentes nas provincias.

**COMPANHIA DA MALA REAL**

— DO —

**PACIFICO**

CARREIRA  
QUINZENAL  
DE  
LEIXÕES  
E  
LISBOA



**NOVOS E MAGNIFICOS PAQUETES DE 15:000, 12:000, 10:000 E 8:500 TONELADAS**

com todos os melhoramentos modernos, incluindo

**TELEGRAPHIA SEM FIOS**

Para: S. VICENTE, LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDEO, BUENOS-AYRES e VALPARAISO, tocando alternadamente em PERNAMBUCO, BAHIA E SANTOS e para PARIS, LONDRES e LIVERPOOL.

Agentes em LISBOA

Agentes no PORTO

E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª

Caes de Sodré. 64

73—Rua Infante D. Henrique 1.º

SUB-AGENTES em todas as cidades e villas de Portugal